

# *Recife Frio: o Antropoceno à luz de um filme brasileiro contemporâneo*

*Recife Frio: the Anthropocene in the light of a contemporary brazilian film*

**Lucas Murari**

(Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar o filme brasileiro “Recife Frio”, de Kleber Mendonça Filho, sob o prisma das mudanças climáticas e suas implicações socioambientais. Estruturado como um falso documentário, o curta-metragem inverte a temperatura da capital pernambucana, provocando transformações radicais na sociabilidade da população local. Por meio de uma narrativa que mescla sátira e reflexão, o filme aborda questões pertinentes ao Antropoceno, como a crise ecológica e o apartheid ambiental, evidenciando as desigualdades acentuadas pelas mudanças climáticas.

**Palavras-chave:** Recife Frio, Antropoceno, cinema brasileiro, crise ecológica.

**Abstract:** *This article aims to analyze the Brazilian film “Recife Frio”, by Kleber Mendonça Filho, from the perspective of climate change and its socio-environmental implications. Structured as a fake documentary, the short film inverts the temperature of Recife, provoking radical transformations in the sociability of the local population. Through a narrative that blends satire and reflection, the film addresses issues pertinent to the Anthropocene, such as the ecological crisis and environmental apartheid, highlighting the inequalities accentuated by climate change.*

**Keywords:** *Recife Frio, anthropocene, brazilian cinema, ecological crisis.*

DOI: 10.47456/rf.v20i31.46220

## Introdução

“Ecologia sem luta de classes é jardinagem” Eduardo Galeano

Nas últimas décadas, poucos termos científicos foram tão difundidos como Antropoceno. Essa expressão – que designa uma nova época geológica – engloba uma série de discussões interdisciplinares, que buscam dar visibilidade e relevância para acontecimentos dos mais preocupantes. Colocar uma espécie tida como eleita no centro, aqui, é um procedimento radicalmente diferente daquele empregado pela modernidade ocidental na virada do século XVIII para o XIX, destacando a constituição ontológica do sujeito “homem”. Para Michel Foucault (2007, p. 438), por exemplo, a modernidade inicia “quando o ser humano começa a existir no interior de seu organismo, na concha de sua cabeça, na armadura de seus membros e em meio a toda a nervura de sua fisiologia [...]”. A vitalidade do Antropoceno é extrapolar essa dimensão e levar em consideração o legado humano a partir de outro ponto de vista. Mais do que um novo sistema epistêmico, o termo designa um limiar ecológico. Se antes o objetivo almejado era a conquista e domesticação da natureza, hoje a preocupação está ligada a impasses de sobrevivência em um futuro incerto. O sufixo – ceno – originário do adjetivo grego *kainos*, designa o novo ou recente, mas também remete a entendimentos como estranho e imprevisto.

A crise ambiental cresceu exponencialmente na atual configuração do capitalismo, em decorrência da ação direta da atividade humana na Terra. Um autor como Jason Moore (2016), vale ressaltar, opta pelo termo “capitaloceno” como forma de responsabilizar um modelo econômico predatório pelas transformações em curso dessa era geológica. É a ideia de mundo em sentido global que é posta em jogo nesse tipo de problematização, a maneira de viver o aqui e o agora, mas também daqui para o futuro. O resultado disso se faz presente em questões amplamente difundidas, como aquecimento global e as mudanças climáticas, do mesmo modo que em outros dados alarmantes como a perda de biodiversidade (extinção de espécies vegetais e animais), poluição desenfreada (tanto do ar como da água), incêndios (urbanos e florestais), degradação do solo, elevação do nível do mar, contaminação radioativa. Esses, entre muitos outros problemas ambientais, dizem respeito não só à vida de outras espécies, como também implicam repercussões para a própria humanidade, tornando progressivamente o mundo inabitável para nós mesmos. É importante recordarmos que das cinco extinções em massa conhecidas na história da Terra, quatro foram ocasionadas por mudanças climáticas gerada por gases de efeito estufa na atmosfera. A exceção foi o extermínio dos dinossauros há aproximadamente 65 milhões de anos, ocasionado por um meteoro. Alguns cientistas (Novacek, 2007) já sugerem classificar o momento atual como a sexta extinção em massa na história do planeta.

Os avisos sobre a catástrofe socioambiental, entretanto, não tiveram início com a definição científica do termo Antropoceno. O que essa conceituação ressalta é a influência decisiva exercida pelas atividades antrópicas em relação às outras forças presentes no planeta. Desde a segunda metade do século XX, em especial a partir do final da década de 1960, se tornou regular esse tipo de abordagem apocalíptica sobre a sociedade tecnoindustrial e seu futuro. À medida que o “pensamento ecológico” (Morton, 2010) cresceu, também proliferaram novos desdobramentos da sua utilização, isto feito tanto pelas ciências biológicas como pelas ciências humanas, reflexões que têm despertado diversas frentes de engajamento e produção intelectual. Houve uma expansão significativa do ativismo ecológico nas últimas décadas, ao mesmo tempo em que o negacionismo climático também ganhou visibilidade.

Hoje, talvez mais do que nunca, é necessário pensar o mundo como uma grande rede, estabelecendo teias entre os agentes humanos e não humanos. A bióloga e filósofa Donna Haraway (2003) apresentou no seu *Manifesto das espécies companheiras* (The Companion Species Manifesto) a expressão “Natureza-Cultura”, desconstruindo velhas dominações hierárquicas que marcaram a modernidade ocidental e buscou, por meio desse conceito, superar a centralidade de uma única espécie. À vista disso, como elaborar uma estética para o Antropoceno? O que significa uma arte ecológica hoje? Como os artistas têm lidado com essas discussões mais urgentes? A arte não fica atrás das ciências como percepção das crises ecológicas, porém se expressa por meio de formas próprias. A realização de obras com consciência ecológica tem crescido nos últimos anos e acompanhado a produção discursiva em torno do assunto. Essa é uma área que também permite reflexões sobre a percepção do mundo e seus dilemas. Uma estética autêntica para o Antropoceno pode ir além de abordar as questões apenas por meio de referências temáticas, buscando, assim, transformar a maneira como enfrentamos os novos desafios climáticos. A arte pode ser um subterfúgio à produção informativa e/ou objetiva. O nível atual de esgotamento do planeta exige outras maneiras de lidar com os problemas. O cinema é um exemplo de expressão cultural que se vale de seus inúmeros recursos audiovisuais para complexificar a relação humano-Terra. Nos filmes, de forma geral, as histórias focam na superação das adversidades e na sobrevivência da espécie humana. Por mais que alguns desses “filmes-catástrofe” possuam mensagens de alerta e denúncias incisivas sobre o atual estado das coisas no planeta, em quase todas as obras a possibilidade do fim do mundo ao final da narrativa é uma hipótese que não se concretiza de fato, o desfecho apresenta uma solução mirabolante que se encerra de maneira harmônica entre seres humanos e o mundo. Essa tendência acaba por mascarar a gravidade da crise ecológica, promovendo uma visão idealizada que não reflete a complexidade dos desafios que realmente enfrentamos. Assim, é fundamental que a arte se

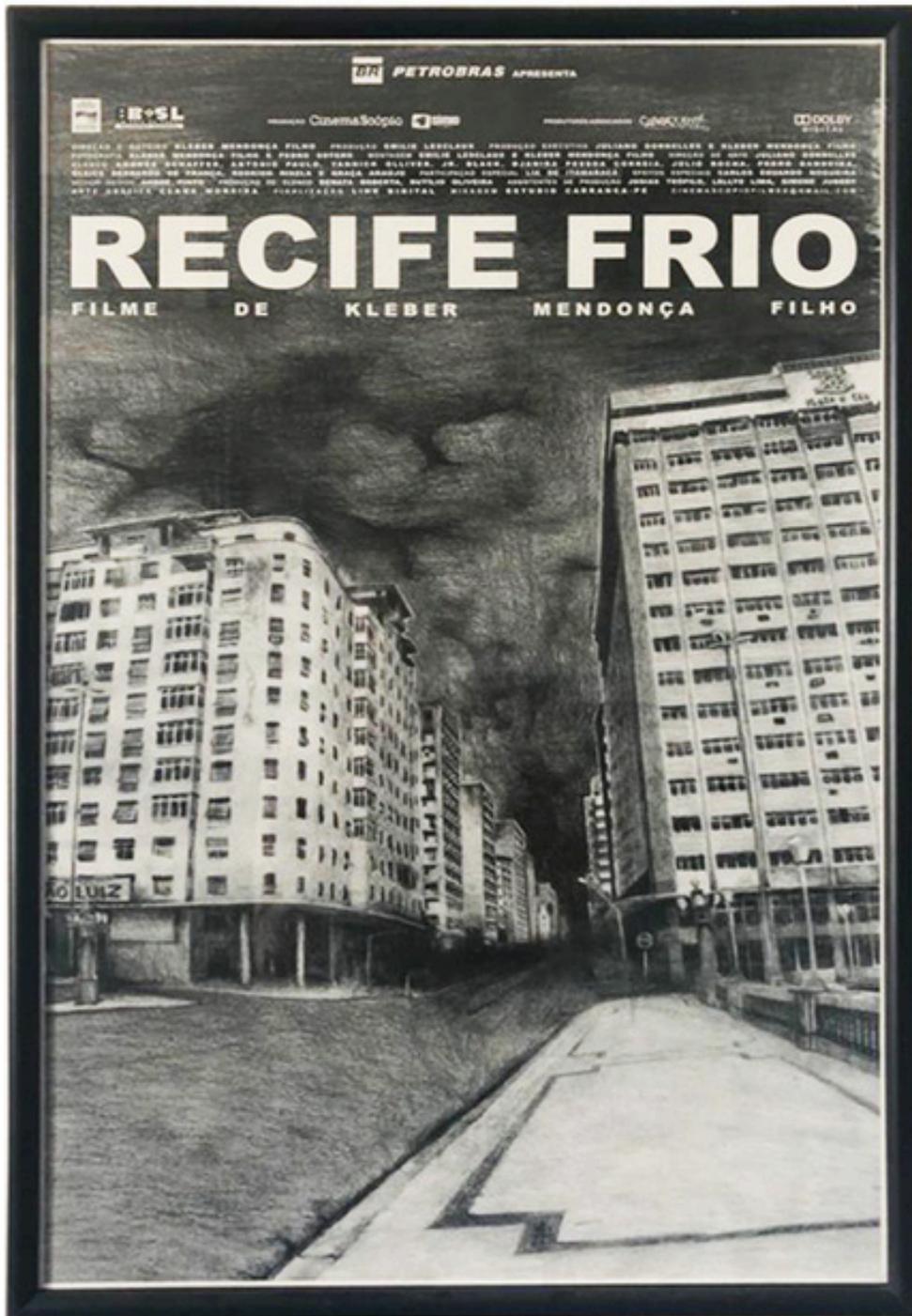


Figura 1. Disponível em: <https://www.cinemascopeio.com/produto/poster-recife-frio/>. Acesso em: 24 set. 2024.  
 Captura de tela da página do pôster do filme disponibilizado no site do diretor do filme Recife Frio.

manifeste por formas provocativas que não apenas entretenham, mas também inspirem uma mudança genuína nas atitudes e comportamentos em relação ao nosso planeta. Este artigo se concentrará na análise de um filme brasileiro contemporâneo que aborda a temática do Antropoceno. O curta-metragem selecionado retrata os desafios enfrentados em relação a crise climática, mas também evoca questões em torno da própria sociabilidade humana. Assim, o presente estudo pretende investigar como as escolhas estéticas e narrativas do filme contribuem para a formação de uma consciência ecológica e fomentam a reflexão sobre as desigualdades socioambientais.

## Recife Frio

No contexto do cinema brasileiro contemporâneo, *Recife Frio* (2009), de Kleber Mendonça Filho, é um exemplo de filme que se nutre da especulação imaginativa para tratar de um dos aspectos mais urgentes da crise ecológica. O cineasta explora uma suposta mudança climática que estaciona na região metropolitana da capital pernambucana. O curta-metragem inverte a temperatura da cidade que, de maneira inexplicável, passa a ser fria. Essa drástica mudança altera o comportamento e sociabilidade da população, até então habituada ao clima tropical, predominantemente quente. Desde o princípio, *Recife Frio* se estrutura como um *mockumentary*, vertente de documentário falso que simula as características gerais do gênero documentário por meio da sátira ou paródia do conteúdo retratado. O filme é apresentado como um programa televisivo argentino intitulado *El mundo en movimiento*, conduzido pelo repórter Pablo Hundertwasser, evidenciando assim a excepcionalidade desse acontecimento. O narrador apresenta como mote da investigação a chamada: “Recife, a cidade que deixou de ser tropical”. No início, temos acesso a imagens clichês da “Veneza Brasileira” e, logo em seguida, esse imaginário da capital pernambucana é subvertido por uma representação (Fig. 2) mais fria, nublada e chuvosa: “A temperatura máxima alcança os 14º graus Celsius, com mínimas de 5ºC ou 6ºC”, diz o apresentador. A matéria de Pablo Hundertwasser foi toda filmada em língua espanhola e teve como objetivo mostrar o impacto da alteração climática frente aos hábitos dos recifenses, uma modificação que inclui vestimentas, profissões e até cantigas populares. Nela são reunidas entrevistas e depoimentos de moradores locais, que relatam as confusões geradas pelo frio e as novas adversidades dos moradores.

O recurso estético do estranhamento é fortemente explorado nessa narrativa insólita. O gesto de substituir um elemento do âmbito da percepção automatizada propicia uma reflexão interessante sobre a cidade, ecoando suas inúmeras desigualdades. A inversão entre o prosaico e o absurdo que marca a mudança climática nessa fabulação direciona o *mockumentary* para uma ficção científica em torno de um evento climático, o *cli-fi*, abreviado em inglês, um gênero bastante explorado pelo cinema nos últimos anos.



A criatividade do cineasta Kleber Mendonça Filho ultrapassa as considerações sobre a mudança de temperatura, e explicita a precariedade que marca a vida nas metrópoles latino-americanas: “O espaço urbano caótico, piorado por uma especulação imobiliária fora de controle abria espaço para a desumanização das cidades”, diz o argentino. No decorrer do filme são apresentados outros problemas que são ocasionados por essa condição climatológica. A nova lógica vivenciada pelos recifenses é regida pelo empobrecimento social, a homogeneização dos comportamentos. A população se encontra cada vez mais trancafiada em lugares fechados, como shopping centers; os trabalhadores perdem suas atividades profissionais ou são cortados de suas tradições culturais; as ruas foram se desertificando e ficaram inóspitas; a paisagem urbana é permeada por “linhas e ângulos retos, estéreis, repetitivas”. Para o pesquisador de cinema Alfredo Suppia (2020, p. 203), “*Recife frio* se destaca como legítima ecodistopia brasileira no contexto cinematográfico mais recente”.

As considerações da reportagem estrangeira sobre a família Nogueira – “de classe alta” – é uma interessante problematização sobre as vítimas arquitetônicas que marcam boa parte das vidas no Antropoceno. Nos últimos anos tem surgido o debate sobre o *apartheid* ambiental, em que as classes sociais mais abastadas teriam condições materiais para escapar de problemas como as mudanças climáticas, enquanto parte da população mais pobre não teria as mesmas condições e seriam impactados de maneira mais violenta com as crises

Figura 2. Captura de tela do filme Recife Frio.

ecológicas. Para o filósofo Ian Angus (2020), “o *apartheid* ambiental é a norma no Antropoceno”. O autor explica:

Há um capítulo em *Facing the Anthropocene* intitulado “Não estamos nada juntos nisso”. O contínuo saque brutal na África é uma evidência clara disso. As pessoas e os países que têm a menor responsabilidade pelo aquecimento global são as suas principais vítimas. É um clichê ambiental o lema de que todos nós estamos no mesmo barco no globo terrestre, ao contrário, na realidade, alguns viajam na primeira classe, com assentos reservados nos melhores botes salva-vidas, enquanto a maioria vai para o convés, em bancos de madeira, expostas a intempéries e sem acesso a botes salva-vidas. (Angus, 2020)

Em *Recife Frio*, o apartamento, à beira-mar, antes situado em uma das regiões mais nobres, agora se encontra desvalorizado, em razão de ser o local com maior ventilação e, conseqüentemente, mais frio. Se antes o quarto de empregada – “herança da escravidão, fantasma moderno da senzala”, nas palavras do filme – era pouco prestigiado devido ao pouco espaço e à baixa ventilação, com a alteração do clima, passou a ser um cômodo almejado pelo filho adolescente da família Nogueira, justamente por conta da temperatura mais agradável. Essa proposta de olhar a cidade de Recife sob outra perspectiva traz à tona heranças coloniais incrustadas na formação da sociedade brasileira. O teórico da cultura visual Nicholas Mirzoeff (2019) relaciona de maneira direta o Antropoceno ao colonialismo. O autor questiona “que tipo de ‘homem’ é subentendido quando falamos de “Antropoceno”? E responde: “dado que *anthropos* no Antropoceno acaba por ser reconhecido como o nosso velho amigo (imperialista) homem branco, então, o meu mantra se tornou: não se trata do Antropoceno, mas sim da cena da supremacia branca” (Mirzoeff, 2019).

Se, anteriormente, aqui, foi esmiuçada a ambiguidade do sufixo “ceno” presente no termo geológico, também vale ressaltar a imprecisão do prefixo “antropo”, de conotação humana, que opera nessa lógica pelo viés universal, ocultando a disparidade na participação das mudanças climáticas e enfatizando as formas de injustiça ambiental, que recaem de maneira desigual sobre etnias vulnerabilizadas. A catástrofe ocorre em escala global, no entanto, o modo como cada grupo – terrestre – é afetado, é divergente. Não é a humanidade, genericamente, que nos trouxe até essa condição limite do Antropoceno, mas é seu modelo contemporâneo de capitalismo que tem intensificado essa crise. Os países desenvolvidos e as corporações multinacionais têm sido os principais responsáveis por esse agravamento ambiental. Essa troca de quarto presente em *Recife Frio* expõe tal discrepância (Fig. 3). O filho da família Nogueira escapa de dormir no frio ao se mudar para o quarto menor, mesmo sob protesto de Gleice, a empregada, que é obrigada a dormir na suíte – a região mais gélida da casa. Por mais que o curta-metragem explore uma lógica supostamente do absurdo na própria ideia de



inversão térmica, as relações interpessoais entre opressor e oprimido não são de modo algum afetadas. A distopia exploratória de matriz colonial desemboca no *apartheid* ambiental que assinala a atual época geológica.

*Recife Frio* se vale de uma temática urgente ligada as discussões do Antropoceno – a alteração climática, trazendo à tona as mudanças de paradigmas socioambientais gerada por essa transformação. O intuito da obra não é apresentar dados científicos frente ao evento, mas reavivar nossas percepções no que se refere à força do desastre iminente. A mobilização de agentes sensíveis como obras artísticas têm se mostrado importantes intercessores desse debate. O gesto especulativo, nesse sentido, está ligado a diagnósticos críticos da precariedade que assola o estilo de vida contemporâneo. O psicanalista Félix Guattari (1990) reitera esse cenário de crise motivado pelas atividades humanas, mas complexifica a discussão em torno da ecologia a partir de três vieses: a do meio ambiente, a das relações sociais e a da subjetividade humana. E mais do que categorias autônomas, o autor as pensa pelas suas ligações e convergências, acentuando que qualquer tipo de modificação atravessa os outros registros. O filme de Kleber Mendonça Filho explicita essa dependência mútua.

O prolongamento de uma mudança de temperatura gera um efeito em cadeia, incidindo diretamente sobre todos os moradores daquela região, sem exceção. Se a disparidade social foi intensificada pela transformação ambiental, ele também se aplica para o aspecto mental da comunidade retratada. Nas palavras do narrador do filme, “nessa desordem, o elemento humano foi achatado”. Para Guattari, um dos efeitos precisos do desequilíbrio ecológico é a padronização da subjetividade humana, a uniformização do pensamento. A justiça climática é uma pauta que atravessa *Recife Frio*. A percepção dos impactos socioambientais atinge cada grupo e espécie de modo distinto. Quando utilizado de modo acrítico, o termo científico Antropoceno pode expressar uma humanidade genérica, equalizando os comportamentos de países, sujeitos e corporações, que atuam de maneiras distintas em meio a toda essa crise de mundo. É fundamental que se atribua peso e responsabilidade aos termos dessa discussão, vinculando os direitos humanos e não humanos às mudanças ambientais atualmente em curso.

Figura 3. Captura de tela do filme Recife Frio.

## Considerações finais

Um dos elementos mais recorrentes na discussão sobre o Antropoceno é a noção de precariedade. A divisão tripartite elaborada por Guattari (1990, p. 38) aponta para esse sentido, “o princípio comum às três ecologias consiste, pois, em que os Territórios existenciais com os quais elas nos põem em confronto não se dão como um em-si, fechado sobre si mesmo, mas como um para si precário, finito, finitizado, singular, singularizado (...)”. Este se tornou o nosso atual *zeitgeist*, espírito da – nova – época. O tempo presente é marcado por inúmeros impactos ambientais de origens antropogênicas; e o futuro é imprevisível, ainda mais quando uma questão fundamental como a transição ecológica está distante de se tornar um imperativo global. Por mais que haja uma crescente valorização da conscientização e do discurso ambiental nas últimas décadas, é importante ir ao cerne da questão, isto é, a reconfiguração radical dos modos de existência. Guattari, nessa perspectiva, valoriza a ideia de ecosofia, neologismo que propõe um tipo de articulação ético-político, práticas que busquem modificar tanto as relações sociais, subjetivas, quanto ambientais.

No futuro a questão não será apenas a da defesa da natureza, mas a de uma ofensiva para reparar o pulmão amazônico, para fazer reflorescer o Saara. A criação de novas espécies vivas, vegetais e animais, está inelutavelmente em nosso horizonte e torna urgente não apenas a adoção de uma ética ecosófica adaptada a essa situação, ao mesmo tempo terrificante e fascinante, mas também de uma política focalizada no destino da humanidade. (Guattari, 1990, p. 53)

O prefixo “eco”, de origem grega (*óikos*), tem uma importância fundamental nessa proposta filosófica, ao valorizar justamente o hábitat em comum, o interesse coletivo acima de tudo. É necessária uma reinvenção por completo de noções historicamente enraizadas como casa, família, cidade e trabalho, atualizando-as para esse momento de crise. O ideal, nessa acepção, é que o Antropoceno seja mais um momento de transição do que um período geológico, e que seja tão curto e tênue quanto possível (Haraway, 2016). O filósofo Malcom Ferdinand (2022, p. 23) constata uma dupla fratura da modernidade, que aparta a história colonial e a história ambiental do mundo. Essa fratura se evidencia pela separação entre os movimentos ambientais e ecologistas, de um lado, e os movimentos pós-coloniais e antirracistas, do outro. As catástrofes consideradas “naturais” presente em *Recife Frio* são consequência de determinadas formas de habitar o planeta, de estruturas sociais, de modelos econômicos e de escolhas políticas que aumentam as desigualdades e exacerbam as relações de poder. Ferdinand argumenta que enfrentar essa fratura possibilita a identificação de algumas aporias comuns.

Primeira aporia: é ilusório proibir a dominação e a exploração de seres humanos por outros seres humanos mediante a escravidão, o tráfico negreiro

e a colonização ao mesmo tempo que se conserva uma organização social e econômica cuja função é a exploração colonial da Terra. Mudar de política implica mudar de ecologia. Segunda aporia: torna-se ilusório proteger os espaços naturais e as florestas da Terra dos desejos financeiros de certos humanos a partir do momento em que se aceita a escravização de outros seres humanos pelas dominações escravagistas e coloniais: mudar de ecologia implica mudar de sociedade. (Ferdinand, 2022, p. 146)

Para o autor, essas aporias são a base de uma ecologia colonial, que mantém a cisão artificial entre o devir material do planeta e dos não humanos e o devir social e político dos humanos. A ecologia decolonial, por sua vez, é uma ecologia de luta, pois trata de questionar as maneiras de habitar a Terra e de viver junto. O enfrentamento das destruições ecossistêmicas está profundamente conectado à demanda por igualdade e emancipação. Ferdinand subdivide a ecologia decolonial em três categorias (2022, p. 197-198): teórica, cultural e política. No nível teórico, implica pensar/cuidar da dupla fratura colonial e ambiental, ou seja, um duplo curativo que, simultaneamente, se traduz em uma nova forma de abordar as decolonizações e as lutas contra as degradações ambientais da Terra. Já no nível cultural – que abrange também as dimensões histórica e linguística – é necessário deslocar o Antropoceno para possibilitar a aproximação a partir de outras formas de problematização da crise ecológica. Por fim, no nível político, ela se manifesta por meio de uma série de movimentos sociais e de lutas ao redor do mundo. Diante da dupla fratura da modernidade, a ecologia decolonial oferece uma oportunidade para ir além dos paradigmas tradicionais que costumam enfatizar a “natureza” ou os seres considerados “privilegiados”.

Essa abordagem crítica incita uma reflexão sobre as interconexões entre as estruturas humanas e não humanas, promovendo um entendimento mais amplo que reconhece o mundo pelo seu aspecto plural, buscando assim desmantelar as injustiças históricas que perpetuam a exploração/opressão e a degradação ambiental. *Recife Frio*, nesse sentido, se destaca no contexto do cinema brasileiro contemporâneo como uma obra que retrata a complexidade de uma cidade em meio às mudanças climáticas, proporcionando uma interpretação concreta sobre as inúmeras implicações relacionadas ao Antropoceno nessa realidade. Ao inverter radicalmente a temperatura de Recife, o filme revela as fragilidades da sociabilidade humana diante de um cenário de desastres ambientais, demonstrando como as mudanças climáticas afetam não apenas o meio ambiente, mas também as dinâmicas sociais e culturais da própria população. Isso se traduz em um chamado à ação para a construção de um futuro mais sustentável, onde diferentes perspectivas desempenham um papel fundamental na reimaginação das nossas relações mundanas, interpessoais e interespecies.

## Referências

ANGUS, Ian. O apartheid ambiental é a norma no Antropoceno - Entrevista com Ian Angus. **Revista IHU on-line**, São Leopoldo, 17 mai. 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599026-o-apartheid-ambiental-e-a-norma-no-antropoceno-entrevista-com-ian-angus>. Acesso em: 20 set. 2024.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas** – uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. São Paulo: Ed. Papirus, 1990.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **Climacom**, ano 3, n. 5, 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=5258>. Acesso em: 20 set. 2024.

HARAWAY, Donna. **The Companion Species Manifesto** - Dogs, People, and Significant. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.

MIRZOEFF, Nicholas. Não é o Antropoceno, é a cena da supremacia branca ou a linha divisória geológica da cor. **Buala**, 2017. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/a-ler/nao-e-o-antropoceno-e-a-cena-da-supremacia-branca-ou-a-linha-divisoria-geologica-da-cor>. Acesso em: 20 set. 2024.

MOORE, Jason (org.). **Anthropocene or Capitalocene** - Nature, History, and the Crisis of Capitalism. Oakland: PM Press, 2016.

MORTON, Timothy. **The Ecological Thought**. Cambridge: Harvard University Press, 2010.

NOVACEK, Michael J. **Terra**: Our 100-Million-Year-Old Ecosystem - and the Threats That Now Put It at Risk. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2007.

SUPPIA, Alfredo. Respira fundo e prende: um pequeno raio-X da ecodistopia no cinema brasileiro, do regime militar aos militares no regime. **Revista Eco-Pós** (online), Rio de Janeiro, v. 23, p. 188-216, 2020.

## Lucas Murari

Pesquisador de cinema experimental e arte de vanguarda. Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com período sanduíche na Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3 (bolsa PDSE/CAPES). Mestre pelo PPGCOM/UFRJ (2015). Bacharel em Cinema e Vídeo pela Faculdade de Artes do Paraná. É editor-executivo da Revista Eco-Pós (UFRJ). Tem experiência na área de Cinema, Comunicação e Artes.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6468-0199>